

A ESCUTA E A APARIÇÃO DO SUJEITO INVISIBILIZADO

SOUZA, Cristiano.¹
MARIOTTI, Ana Paula Colognese.²
SALES, Leticia Almeida.³

RESUMO

É perceptível a necessidade de pesquisar sobre a Escuta e a aparição do sujeito invisibilizado, pois corrobora teoricamente para a compreensão de como se dá a escuta e as nuances que permeiam o sujeito. Tendo como objetivo compilar a compreensão de como a escuta psicanalítica na instituição trabalha com atendimento direcionado a pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas, possibilitando a aparição de um sujeito para além da marginalização, promovendo assim, um melhor manejo e tratamento ao usuário inserido no servido do Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPSad). Diante disto, para alcançar o objetivo traçado neste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico, na qual, compete pela divisão de algumas etapas, sendo a primeira realizada a introdução de todo os componentes que relacionam-se com o tema, visando justificar e sustentar a estrutura elaborada no decorrer da pesquisa, apresentando ainda os principais tópicos encontrados e identificados sob a experiência de estágio na Instituição do CAPSad localizado na região Oeste do Paraná. Portanto, foi-se possível compreender através da pesquisa realizada, que é fundamental olhar para o indivíduo para além do paradigma de realizar ou não o uso de álcool e outras drogas, mas validá-lo enquanto sujeito atravessado por suas questões e individualidade, é promover o espaço válido de seus direitos enquanto cidadão inserido em uma sociedade. Transpor a visão de modo compreensível a esse sujeito, é possibilitá-lo a ressignificação sobre suas demandas, sendo possível ainda, viabilizar um manejo de tratamento mais eficaz e evolutivo.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta; Sujeito; Psicanálise; Marginalização; Estigma; Invisibilizado.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa compilar a experiência do estágio supervisionado realizado na Unidade do Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPSad), na qual é um serviço que compõe-se na área da Saúde Mental. Sob o qual, conforme proposto por Schneider *et al.* (2014) o serviço discorre frente às Políticas de Saúde Mental, que propõe a substituição dos hospitais psiquiátricos por uma rede de atenção à saúde mental, formada principalmente pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Sobretudo, é o CAPS que deve se encarregar de dar um suporte a atenção à saúde mental na rede básica através do trabalho conjunto com as equipes de saúde da família e agentes comunitários de saúde”.

¹Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG). Especialista em Psicanálise Clínica. E-mail: cristianos@fag.edu.br

²Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) - Cascavel, PR. E-mail: apcmariotti@minha.fag.edu.br

³Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) - Cascavel, PR. E-mail: lasales1@minha.fag.edu.br

Em suma, conjectura-se que os atendimentos realizados no serviço do CAPS foram direcionados a adolescentes que possuem algum problema relacionado ao uso de drogas, sendo que, a experiência adquirida em atendimentos possibilitou a compreensão de como o estigma de marginalização desses indivíduos influem diretamente em suas condições de vida. Sobretudo, foram nos atendimentos realizados através do estabelecimento de vínculo e transferência, que foi-se possível compreender que, a escuta se dá como resultante da aparição do sujeito que passa como invisibilizado em suas relações.

Sobretudo, o trabalho sustenta-se com o objetivo de compilar a compreensão de como a escuta psicanalítica exercia dentro de uma instituição trabalha com atendimento direcionado a pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas através de grupos psicoterapêuticos, possibilitando a aparição de um sujeito para além da marginalização, promovendo assim, um melhor manejo e tratamento ao usuário inserido no serviço do Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPSad). Diante disto, para alcançar o objetivo traçado neste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico, na qual, a presente pesquisa compete pela divisão de algumas etapas, sendo a primeira realizada a introdução de todos os componentes que relacionam-se com o tema, visando justificar e assim sustentar a estrutura elaborada no decorrer da pesquisa, bem como, apresentando os principais tópicos encontrados e identificados sob a experiência de estágio na Instituição de serviço público do CAPSad localizado na região Oeste do Paraná.

Diante de tal fato, o trabalho é sustentado por uma fundamentação teórica que abarca sobre questões do sujeito para a psicanálise, a escuta psicanalítica na instituição, o discurso frente a usuários de drogas e o estigma do sujeito invisibilizado e marginalizado. Diante do sustento teórico construído, foi-se estruturar o encaminhamento metodológico que visa compilar como se deu a construção do artigo pautando-se no levantamento bibliográfico em conjuntura com os principais preceitos identificados em atendimento através do estágio institucional do CAPSad. Por fim, é realizado uma análise frente a fundamentação teórica trazida em conjuntura com os atendimentos realizados, visando compilar como se dá a escuta como resultante a validação do sujeito em questão, realizando assim, as considerações finais de todo o trabalho construído.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, é relacionada a apresentação da teoria pesquisada em termos relacionados à conceitos como: o sujeito para a psicanálise, a escuta psicanalítica na instituição, o discurso frente a usuários de drogas, assim como, o sujeito invisibilizado/marginalizado.

2.1 SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

O conceito de Sujeito para a psicanálise, se deu primordialmente através das ideias de Descartes, na qual, Elia (2010) destaca sobre a proposição que tornou-se famosa “*Cogito, ergo sum*” que na tradução em português é definida por “Penso, logo sou”, transposto sobre a ideia de Descartes frente a garantia da existência das coisas, tendo o sujeito pensante que pudesse seguir existindo para além de seu próprio pensamento. Tem-se portanto que, pela primeira vez na esfera filosófica, o discurso do saber se volta para o agente do saber, permitindo torná-lo como a própria questão de saber. Conjectura-se assim, que a aparição do sujeito se dá por um momento de angústia na história do pensamento, presente no cenário do pensamento. Na qual, fez-se sustentado através da angústia e da incerteza em relação ao que deu-se como um mundo mais compreensível para o entendimento do homem.

Primordialmente é trazido que, o sujeito é determinado pelos significantes do Outro, mesmo sendo um sujeito sem identidade. Na qual, define-se que o sujeito não possui identidade própria por ser unicamente representado por significantes que se encontram nesse lugar psíquico que é ocupado pelo Outro, têm-se portanto, que a representação do sujeito no Outro não é fixa, sendo assim, não é passível de definição de uma coisa ou outra, mas é representado por significantes que o sustentam (QUINET, 2012).

Em consonância a tal posto, Torezan e Aguiar (2011) trazem que para a psicanálise o sujeito é definido como o sujeito do desejo, permeado pela noção de inconsciente, o mesmo passa a ser marcado e movido pela falta, diferenciando-se da definição de sujeito biológico e/ou movido pela consciência filosófica. Mas para além, esse sujeito se constitui através de uma inserção da ordem simbólica que o antecede, sendo atravessado pela linguagem e revestido pelo desejo de um outro, sendo mediado por um terceiro. Sendo assim, define-se que as noções de sujeito e subjetividade são constituídos pela essência que denomina-se como campo psicanalítico, na qual é composto pelo aparelho psíquico e o campo pulsional (GARCIA-ROZA, 2001).

Outrossim, Lacan foi um grande contribuinte para a teorização de sujeito para a psicanálise, na qual o psicanalista francês traz que um dos principais processos ocorridos para a constituição de sujeito, se dá através da dita fase do estágio do espelho. Sobre o qual, é definida por Lacan (1949) como sendo o momento em que entre a idade de seis e dezoito meses de vida, a criança percebe-se pela primeira vez através de sua imagem refletida no espelho, percebendo uma unificação da imagem de si ou do outro, assumindo a identidade alienante, que marcará a estrutura rígida de todo o seu desenvolvimento psíquico. Enfatizando ainda que, é no momento da imagem refletida no espelho que marcará a separação do mundo interno ao mundo externo.

Sobretudo, Ferreira-Lemos (2011) traz ainda como definição que, o mundo interno quando apresentado à criança no momento em que é refletida no espelho, é apropriado através de identificações com o mundo externo, na qual é oferecida por aquele que ocupa o lugar de Outro na representação da criança, sendo que, é por aquele Outro que ocorrerá o encontro da representação. Define-se ainda que, o sujeito reconhece-se no espelho através do Outro, na qual instaura-se o eu, refletindo sobre o narcisismo, sendo transposto pelo eu ideal, na qual, por conseguinte a base das identificações serão perpetuadas ao sujeito.

Ademais, é válido enfatizar o que é trazido por Quinet (2012) sobre a definição de Sujeito, como impossível de sua existência sem o outro, na qual permeia-se pelo campo do gozo que é estruturado pelos discursos que constituem os laços sociais, entretanto, enfatiza que, o laço social que trata o outro efetivamente como sujeito é o discurso do analista, sendo primordialmente promovido pela escuta ao analisando. Destacando ainda que é através da fala que instrui-se o Outro do inconsciente, fazendo existir o Outro na transferência, sendo este o lugar que o analista é convocado a ocupar.

2.2 ESCUTA PSICANALÍTICA NA INSTITUIÇÃO

Retratar sobre a escuta psicanalítica, é abordar sobre a importância da fala para o processo analítico, validado como sustento o objeto de estudo primordial da Psicanálise trazido por Freud, de que a escuta se dá através do que se manifesta na palavra do paciente. Sobretudo, Figueiredo (2010, p. 22) ressalta que “obviamente não podemos pensar em uma psicanálise que prescinde da fala, uma vez que esta é o elemento fundador daquela, ou seja, foi sobre o eixo da fala que toda teoria psicanalítica se construiu”.

Em conjuntura a isto, Falcão e Macedo (2005) trazem que para que haja a validação do sujeito posto em questão, é necessário que a escuta recebida seja qualificada, sendo que, conforme proposto por Freud, a singularidade inaugura-se quando há uma comunicação entre paciente e analista. Na qual, compreende-se que, no processo analítico, um chega com as palavras que demandam de um desejo a ser compreendido, e o outro escuta as palavras ditas, sendo transposto pela via de acesso ao desconhecido que habita no paciente. Compreendendo portanto que, em suma, a situação analítica é composta pela via de excelência de uma comunicação, na qual, circunscrevem as demandas que nem sempre são lógicas ou de fácil deciframento, mas que primordialmente, trazem sobre o desejo e a necessidade de serem escutadas.

Sobretudo é válido destacar que, Freud com os seus estudos traz sobre a importância da palavra ao sujeito, sendo esta, o mecanismo de acesso ao desconhecido em si mesmo. Sendo que, este acesso é viabilizado através da escuta analítica, que evidencia a singularidade de sentido da palavra enunciada. Outrossim, para que haja um bom manejo analítico, é fundamental a presença de transferência no processo, sendo o precursor para a comunicação entre paciente e analista. Na qual, o paciente traz sobre as suas angústias, e a escuta analítica possibilita o acesso ao desconhecido, apresentando-se com demandas que nem sempre são regidas pela racionalidade ou de fácil deciframento. Sendo crucial, a posição do analista para que, através da demanda endereçada, o sujeito deixe escapar o desejo, e assim, possibilitar um melhor manejo e possível cura sobre os seus sintomas (ESTEVES e LAGUÁRDIA, 2009).

Têm-se portanto que, a clínica psicanalítica é movida pela escuta sob o viés da transferência, Freud (1912/2017) transpõe que a transferência é o processo pelo qual os desejos inconscientes se configuram na relação do paciente com o analista, no processo analítico. Em consonância a isto, Lacan (1960-1961/2010) situa que, a nomeação do analista como “Sujeito Suposto Saber”, designa uma suposição de saber por parte do analisando, tendo o analista como possuidor do saber sobre ele. Sobre o qual, esta contribuição no progresso do processo psicanalítico, perde o seu valor, pois, compreende-se que, é na posição de suposto saber que o analista se inscreve. Sendo que, têm-se que a transferência posto como vínculo transferência, qualifica escuta ao sujeito, diante da posição de suposto saber que é colocado a função do analista (TORRES, 2016).

Ademais, ainda é possível destacar que a escuta psicanalítica quando endereçada a fala do sujeito para o analista, permite que questões emergentes possam ser desdobradas, e assim, implicará na abertura de possibilidades não só de investigação, mas também de intervenção (COUTINHO e ROCHA, 2007). E direcionando por esta via, Cazanatto, Martta e Bisol (2016) trazem sobre a

escuta psicanalítica na instituição, na qual conjectura-se pela importância de escutar a demanda local, atrelando a escuta singular de cada paciente inserido nesta instituição. Enfatizando assim, que, deve-se conduzir com cautela a não desconsideração da lógica institucional, validando ainda o contexto social em que está inserida e o perfil das pessoas atendidas, sendo que, é crucial que proporcionar um espaço de fala e escuta dos sintomas do sujeito, possibilita compreender as passagens do ato que ali se apresentam.

Em consonância, Souza, Kyrillos Neto e Calzavara (2021) retratam que, na instituição, a escuta deve prover de um discurso demasiadamente reivindicativo, tendo a necessidade de ser interrogada e não atendida no querer imediato imposto. Pois, responder indiscriminadamente às demandas dos sujeitos, torna-se uma forma de obliterar o desejo do sujeito. Têm-se portanto que, o primordial objetivo é escutar a demanda e trabalhá-la pelo viés das intervenções no discurso, para que haja implicação do sujeito, para que emergja a singularidade do mesmo. Outrossim, o trabalho com a fala endereçada, possibilita que questões emergentes sejam desdobradas e arejadas, possibilitando possíveis intervenções e investigação sobre o sujeito (COUTINHO e ROCHA, 2007).

2.3 O DISCURSO FRENTE A USUÁRIOS DE DROGAS

Nos dias atuais, discorrer sobre as políticas relacionadas frente aos usuários de drogas no mundo estão constantemente mudando, e através desse viés diversos outros locais passam por seus procedimentos legais ou terapêuticos. Quando se fala em redução de danos frente aos usuários de drogas, a qual tem sido implementada em políticas de saúde, onde não são somente trabalhadas na abstinência desses usuários, observa-se que a resistência dos profissionais que trabalham com esse público é uma grande dificuldade, para que assim possa ocorrer sua implementação (DIMENSTEIN e CARVALHO, 2017).

Mediante a isto, traz-se que, conforme Ronzani, Noto e Silveira (2014) discorrem sobre o estigma ser uma das grandes razões a qual interferem no tratamento de dependentes de álcool e outras drogas, visto que, assim os usuários a qual precisam de cuidados, sejam vistos como perigosos e violentos, e também os únicos responsáveis pelas suas condições. É notável as várias razões às quais justificam a estigmatização dos usuários de drogas por parte dos profissionais, incluindo de que muitas vezes o consumo de álcool e outras drogas, não são visto muitas das vezes como um problema de saúde, mas sim como falha por parte do usuário, sendo assim colocado a

responsabilidade no usuário a solução do seu problema, tal comportamento profissionais da saúde que impossibilita o acesso e acolhimento para esse público.

Assim, os usuários que possuem o uso abusivo de álcool e outras drogas, estão inseridos em um contexto de desassistência aos mesmos, assim a culpabilização imposta aos usuários, de tal forma, criam barreiras que impedem para o mesmo uma qualidade no tratamento ofertado (FERNANDES e VENTURA, 2018). Outrossim, Lopes *et al.* (2009), apontam que se pode observar que alguns profissionais da rede e saúde, observam os usuários de drogas, como experiências pessoais e afetivas, bem como carências e convívio com a violência, assim como desemprego e falta de oportunidade para com os usuários, entende-se como uma base importante o conhecimento dos profissionais da saúde com as vivências dos usuários de drogas.

Em relação a isso Santos *et al.* (2021) traz que se observa que existe uma ideia, à qual os indivíduos que são usuários de drogas e álcool, são envolvidos no tráfico de drogas e criminalidade, esse imaginário social, contribui para a marginalização social dos próprios usuários. Assim o estigma e o preconceito para com esses usuários, reflete na busca dos mesmos aos atendimentos que são de direito do mesmo, visto que, por se sentirem envergonhados e ignorados, os mesmos possuem certas dificuldades em procurar os atendimentos especializados.

2.4 O ESTIGMA DO SUJEITO INVISIBILIZADO/MARGINALIZADO

Abordar sobre como o indivíduo é visto pela sociedade atrelado ao seu uso de álcool e drogas, é transpor a existência de diversos estigmas frente a esse sujeito e que em suma, são atrelados a marginalização refletindo na invisibilidade do mesmo. Ronzani e Furtado (2010) ressaltam que, quando o uso de substâncias passa a ser um problema para a sociedade, isso proporciona ao usuário o reflexo sobre comportamentos tido como socialmente inaceitáveis, transpondo à uma conotação negativa, sendo estes, associados a imagem de fragilidade moral, que resulta na exclusão social desses indivíduos. Em consonância a isto, compreende-se que as formas de exclusão desses sujeitos, enfatiza-se o estigma que está diretamente relacionado ao preconceito, à marginalização e à eugenia da sociedade (FERNANDES e VENTURA, 2018).

Atrelando o estigma a pessoas que fazem uso de álcool e drogas, Goffman (2004) retrata sobre a presença do estigma de culpabilização de caráter individual existente a essas pessoas, tanto em pessoas em situação de rua quanto no caso de pessoas em uso prejudicial de álcool e outras drogas. Na qual, conjectura-se que na medida em que são estigmatizadas atrelando as suas atitudes

individuais, transpõe-se uma percepção de fragilidade do caráter como vontade fraca de interromper o uso da droga, são tidas ainda como pessoas vagabundas por não conseguirem um emprego que não esteja atrelado ao tráfico e crimes, assim como, são vistas como pessoas perigosas por serem temidas pela sociedade, visto que, são percebidas como agressoras.

Em consonância a isto, Santos *et al.* (2021) retratam sobre a presença do preconceito (afirmação da própria identidade como superior, atrelando a negação do que é diferente) e o estigma (atributo depreciativo atribuído a um indivíduo que faz parte de uma característica e se torna algo totalizador) a pessoas que fazem uso de álcool e drogas. Na qual, é posto a ideia de que todos os indivíduos que fazem uso de drogas são automaticamente dependentes químicos, e que estejam envolvidos no tráfico de drogas e na criminalidade. Esse imaginário social contribui para a marginalização social dos usuários, obscurecendo a análise e olhar para vida dessas pessoas, e a dimensão social de seus determinantes.

Outrossim, conforme abordado por Ronzani e Furtado (2010), assim como, por Fernandes e Ventura (2018), compreende-se que o estigma dos usuários de álcool e drogas ilícitas estão diretamente ligados em como a sociedade encara essa questão, sendo retratado que, em uma sociedade em que o alcoolismo e/ou o uso de drogas ilícitas possui uma forte conotação de moralização, na qual, o estigma social se torna um grande embate para o usuário. Tem-se ainda que, há vertentes sobre o estigma posto a usuários de álcool e drogas, na qual liga-se ao entendimento de como se dá o processo de estigmatizar e as estratégias de mudança de percepção dos profissionais, assim como, dos próprios usuários a fim de promover uma conduta resiliente para a superação do vício. Tem-se ainda que, o reforço do estigma social se dá através dos benefícios de controle e recuperação desses usuários, sendo que, nessa perspectiva existe a punição social não formalizada que procura transpor sobre comportamento tolerados socialmente ou não.

Diante disto, abordar sobre pessoas usuários de álcool e drogas, é conjecturar a visão de uma população marcada por processos de exclusão social e que convive com experiências de desrespeito e ausência de reconhecimento social em seu cotidiano. Desta forma, Teixeira *et al.* (2019) trazem que, em suma, essa população sofre de estigmas vinculados a uma percepção de fragilidade do caráter, como sendo uma falta de vontade do indivíduo para interromper o uso da droga e como essa pessoa é vista como perigosa na medida em que também é temida pela sociedade, visto que é percebida como agressora. Diante de tais percepções, resultam no isolamento social, a perda de um lugar respeitado, a perda da autoestima e a dificuldade de acesso de seus direitos, na qual resultam

no afastamento pela busca de suporte social e de seus direitos básicos, como a saúde, colocando essas pessoas em situações de violações de direitos.

3 METODOLOGIA

A realização do presente artigo se deu através de uma revisão e levantamento bibliográfico, buscando materiais que embasam e sustentam a proposta do trabalho. Sendo assim, buscando o aprofundamento da compreensão e sustento do trabalho visando a temática sobre: “A escuta e a aparição do sujeito invisibilizado”, realizou-se uma pesquisa com titulação de dados que identifique a temática abordada: Escuta, Sujeito, Psicanálise, Marginalização, Estigma e Invisibilizado. Sendo assim, como procedimento metodológico da pesquisa que ocorreu no mês de junho a setembro do ano de 2022, foi com bases de dados e levantamento de referenciais teóricos já analisados e publicados na forma de artigos científicos, dissertações, monografias, livros e revistas disponíveis, se enquadrando em um levantamento bibliográfico.

Sendo assim, as bases de dados coletadas se deram através da pesquisa em plataformas de artigos científicos como Scielo, Pepsic, buscador Google Acadêmico e também em referenciais bibliográficos acerca da temática, buscando materiais que embasam a proposta do trabalho. Como descritores, foram utilizados: “escuta para a psicanálise”, “escuta psicanalítica na instituição”, “sujeito para a psicanálise”, “usuários de álcool e drogas”, “marginalização de usuários de drogas”, “estigma da pessoa usuária de álcool e outras drogas”, “sujeito invisibilizado”. Dentre os artigos e livros identificados, foram selecionados os que estavam disponíveis em português, e os que contemplavam o objetivo da pesquisa, que é buscar compreender através da psicanálise, a importância da escuta ao sujeito que faz uso de álcool e drogas para além da marginalização. Com critérios de inclusão, aderiu-se a estudos coerentes com o objetivo geral, e de exclusão dos artigos em línguas estrangeiras e que fugiam do tema proposto.

Deste modo, a presente pesquisa compete pela divisão de algumas etapas, sendo a primeira realizada a introdução de todo os componentes do artigo, visando justificar e assim sustentar a estrutura elaborada no decorrer da pesquisa, bem como, apresentando os principais tópicos encontrados e identificados no contexto às práticas de estágio institucional em um Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPSad) clínica na Instituição de Ensino do Centro Universitário FAG no contexto às práticas de estágio na Clínica Escola FAG.

Por conseguinte, buscou-se abordar sucintamente sobre os expoentes que compõem a temática, trazendo sobre o sujeito para a psicanálise, assim como, compreender como se dá a escuta psicanalítica em contexto institucional, abordando ainda sobre o discurso frente a usuários de drogas e o estigma posto ao sujeito invisibilizado e marginalizado. A estruturação da fundamentação teórica e levantamento bibliográfico, se deu a partir da experiência de estágio, atrelando aos principais preceitos identificados na atuação dentro do serviço do CAPSad. Sendo assim, dentre a revisão bibliográfica realizada concomitantemente com a experiência de estágio, buscou-se (re)elaborar juntamente com todo suporte teórico encontrado, a experiência de estágio institucional adquirida dentre os semestres de estágio no CAPSad. Isto é, o trabalho buscou direcionar um levantamento bibliográfico atrelando aos principais conceitos identificados na prática de estágio com pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

A realização do trabalho se deu através de uma revisão bibliográfica realizada, na qual pauta-se frente aos principais aspectos identificados sob a experiência adquirida no estágio institucional no Centro de Atendimento Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPSad) e os atendimentos realizados com crianças e adolescentes que utilizam o serviço. Dentre as questões observadas nos atendimentos, considera-se de grande relevância validar as questões e vivências dos usuários que entram em processo de tratamento no serviço, sob o qual, promover um espaço de escuta e olhar o indivíduo como sujeito composto por suas questões, e não propagar a transposição de uma visão continuada do estigma desses indivíduos como marginalizados e invisibilizados pela sociedade.

Ademais, visando tais preceitos identifica-se que, o sujeito para a psicanálise, atrela-se a individualização e singularidade da pessoa em questão, na qual permeia-se sobre suas vivências, angústias e desejos, isto é, sua subjetividade. E olhar para o indivíduo visando vê-lo como um sujeito sustentado por suas questões, é validá-lo para além de um objeto passível de estigma e invisibilidade, mas promover um espaço na qual este sujeito possa trazer suas questões de modo que seja compreendido e escutado. Sendo assim, é possível conjecturar que, quando se promove um espaço de aparição a esse sujeito, é viável identificar as suas demandas, promovendo assim, um manejo e melhor tratamento ao mesmo, de modo que, promova um espaço para além de um acolhimento, mas um espaço de fala, possibilitando vê-lo como um sujeito abarcado de suas questões e não um indivíduo invisibilizado.

Diante disso, transpondo às experiências adquiridas em atendimento com o público presente no CAPSad, é de suma importância validar que a entrada e inserção ao serviço se deu pelo uso do álcool ou outras drogas, mas para além desta compreensão, é promover um espaço de escuta a esse indivíduo, de modo que compreenda que o uso da droga é permeada para além do vício, mas que há questões e vivências que culminaram para o uso da droga. Diante disto, é possível validar o que Kupfer (2005) aborda, sobre a importância da escuta psicanalítica na instituição, sob o qual, enfatiza a possibilidade e a importância da presença da psicanálise não só nos atendimentos ou na escuta das questões, mas também na montagem, estrutura e proposta de uma instituição. Sendo fundamental que haja a promoção de tratamento de modo que não viole ainda mais o sujeito, frente ao estigma de marginalização e invisibilidade, mas promover um espaço de direito que promova para além do julgamento, mas do acolhimento a esses indivíduos.

Outrossim, destaca-se que é através da escuta promovida no serviço que se possibilita como resultante, a aparição de um sujeito com suas questões para além do estigma posto, sendo que, a atuação da psicologia sob o viés da psicanálise possibilita compreender o mundo do indivíduo, promovendo assim, intervenções de modo que faça sentido à sua realidade e possível alcance de realizações que possibilite uma melhor condução às suas angústias e demandas. Sendo que, promover um espaço de escuta e acolhimento ao sujeito, possibilita que a compreensão de seu mundo singular seja compreensível, possibilitando a compreensão em como se deu o uso da droga, que por vezes o uso é resultante de um caminho de vivências e angústias que o marcam, sendo assim, olhar para esses indivíduos para além da marginalização e estigma posto de modo social, é torná-lo visível, promovendo acolhimento e espaço de validação sobre suas questões. Indo contra ao pressuposto de que pessoas que fazem uso de álcool e drogas não são dignas do direito social, mas primordialmente, ouvi-los e promover a escuta, torna-os não mais invisibilizados, mas sujeitos com suas questões validadas e acolhidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente às questões levantadas no decorrer deste trabalho, considera-se de suma importância compreender que, é fundamental olhar para o indivíduo para além do paradigma de realizar ou não o uso de álcool e outras drogas, mas validá-lo enquanto sujeito abarcado de suas questões e individualidade, é promover o espaço válido de seus direitos enquanto cidadão inserido em uma sociedade. Transpor a visão de modo compreensível a esse sujeito, é possibilitá-lo a resignificação

sobre suas demandas, sendo possível ainda, viabilizar um manejo de tratamento mais eficaz e evolutivo.

Compreendendo a importância do trabalho do CAPSad frente às políticas públicas existentes, têm-se de fato que o serviço deve ser um meio sob o qual possibilitará um melhor tratamento a pessoas que fazem uso de álcool e substâncias psicoativas. Diante disso, considera-se de suma importância conjecturar que, o tratamento e atendimento promovido a esses usuários, devem ocorrer de modo ético e que haja uma compreensão de todo meio em que esse indivíduo está inserido, considerando as suas vivências, angústias e experiências adquiridas no decorrer de sua vida, mas também validar a existência do preconceito e estigma posto à essas pessoas. Sendo crucial o papel do profissional nesse serviço, em colocá-lo e compreendê-lo enquanto sujeito e não meramente um marginal, abarcando todos os preceitos da marginalização e invisibilidades.

Tem-se portanto que, conforme experiência adquirida no estágio institucional realizada no CAPSad, através dos atendimentos com o público que faz o uso do serviço, foi-se possível observar que, é através do estabelecimento de um vínculo (uma transferência) com o sujeito, escutando-o a partir de sua visão de mundo, que possibilita-se compreender a sua realidade e vivência. Transpondo assim, um lugar de acolhimento e segurança, na qual não será abarcado de julgamentos e preconceitos, mas sim, torna-se um lugar que transpõe a compreensão e a validação de suas questões. Sendo assim, conjectura-se que é através da escuta promovida sob um espaço sustentador de acolhimento, que possibilita a aparição de um sujeito, sendo este, para além de um indivíduo estigmatizado e marginalizado, mas um sujeito visto a partir de sua singularidade, validado as suas questões subjetivas, não o colocando de modo generalista sob o aspecto da marginalização.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, B.; DIMENSTEIN, M. Análise do discurso sobre redução de danos num CAPSad III e em uma Comunidade Terapêutica. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 2, p.647-660. Jun., 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v25n2/v25n2a13.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.

CAZANATTO, E.; MARTTA, M. K.; BISOL, C. A. A Escuta Clínica Psicanalítica em uma Instituição Pública: Construindo Espaços. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.36, n.2, p.486-496. Abr./Jun. 2016. DOI: 10.1590/1982-3703000742014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QQwn86ntZhn5B9f53bYjPjw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2022.

COUTINHO, L. G.; ROCHA, A. P. R. Grupos de reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. **Psic. Clin.**, v.19, n.2, p.71-85. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/F5XxxFPTRSjZS8MWK38YFtw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2022.+

ELIA, L. **O conceito de Sujeito**. Coleção Passo-a-Passo. v. 50, 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2014. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/luciano-elias-o-conceito-de-sujeito.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ESTEVES, S. N.; LAGUÁRDIA, N. A importância da escuta psicanalítica. **Revista de Psicologia**, p.1-2. 2012. Disponível em: <https://psicologianpa.files.wordpress.com/2012/08/pdf-e2-49.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2022.

FERNANDES, R. H. H.; VENTURA, C. A. A. O auto-estigma dos usuários de álcool e drogas ilícitas e os serviços de saúde: uma revisão integrativa da literatura. **SMAD**, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas, v.14, n.3, p.177-184. Jul.-Set., 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v14n3/08.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

FERREIRA-LEMOES, P. P. Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. **Psicologia social e personalidade** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 89-108. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xg9wp/pdf/spink-9788579820571-08.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FIGUEIREDO, M. F. **Para além dos sons da fala: a prosódia na escuta psicanalítica**. São José dos Campos: Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba. 2010. Disponível em: <http://www.mariaflaviafigueiredo.com.br/monografia/monografia.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FREUD, S. Sobre a dinâmica da transferência. Fundamentos da clínica psicanalítica. In: FREUD, S. **Obras incompletas de Freud**. Autêntica Ed., p.107-118. 1912/2017.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tCH8LdCWOA8J:https://fundamentosdapsicanalyse.files.wordpress.com/2015/02/texto-2-a-prc3a9-histc3b3ria-da-psicanc3a1lise-i.pdf&cd=18&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1988/2004.

KUPFER, M. C. M. Psicanálise e instituições. In: VITA, I. B.; ANDRADE, F. C. B. **(Des)fiando a trama**: a psicanálise nas telas da educação. Casa do Psicólogo. São Paulo, SP. 2005.

LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1949/1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 8**: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1960-1961/2010.

LOPES, G. T.; et al. Concepções de acadêmicos de enfermagem sobre usuários de drogas. **Rev. Bras. Enferm**, v.62, n.4, p.518-523. Brasília. Jul-Ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Qjhyjv8kvBYDQWzWdrYnHXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2022.

MACEDO, M. M K.; FALCÃO, C. N. B. A escuta na psicanálise e a psicanálise na escuta. **Revista Psychê**, ano IX, n.15, p.65-76. São Paulo, jan.-jun./2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v9n15/v9n15a06.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

QUINET, A. **Os Outros em Lacan**. Coleção Passo-a-Passo. v. 94. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4851275/mod_resource/content/1/288261375-Antonio-Quinet-Os-Outros-Em-Lacan.pdf. Acesso em: 30 ago. 2022.

RONZANI, T. M.; FURTADO, E. F. Estigma Social sobre o Uso de Álcool. **J. Bras. Psiquiatr.**, v.59, n.4, p.326-332. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/G4C8v9mqySmQRgNdy8QZbjf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2022.

RONZANI, T. M.; NOTO, A. R.; SILVEIRA, P. S. da. **Reduzindo o estigma entre usuários de drogas**: guia para profissionais e gestores. Universidade Federal de Juiz de Fora. Editora UFJF. 2014. Disponível em: https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2018/02/reduzindo_o_estigma_entre_usuarios_de_drogas.pdf. Acesso em: 14 set. 2022.

SANTOS, E. O. dos.; *et al.* Avaliação do estigma e preconceito na organização de redes de atenção aos usuários de drogas. **Rev. Bra. de Enferm.**, v.75, n.1, p.1-9. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/785kFTRt4VPcW9s4JczMFVK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

SCHNEIDER, D. R.; *et al.* A atuação do psicólogo no Centro de Atenção Psicossocial voltado para Álcool e Outras Drogas (CAPSad): os desafios da construção de uma crítica ampliada. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v.11, n.17, p.101-113. Florianópolis/SC, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2014v11n17p101/27870>. Acesso em: 14 set. 2022.

SOUZA, F. M. S.; KYRILLOS NETO, F.; CALZAVARA, M. G. P. Pressupostos para a escuta psicanalítica em instituição de acolhimento de crianças e adolescentes. Universidade Federal de São João Del-Rei. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, v.22, n.1, p.83-97. São Paulo. 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7816240>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TEIXEIRA, M. B.; *et al.* Os invisibilizados da cidade: o estigma da População em Situação de Rua no Rio de Janeiro. **Rev. Saúde Debate**, v.43, n.7, p.92-101. Rio de Janeiro, dez. 2019. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/sdeb/2019.v43nspe7/92-101/pt>. Acesso em: 20 ago. 2022.

TOREZAN, Z. C. F.; AGUIAR, F. O Sujeito da Psicanálise: Particularidades na Contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Vol. XI, n.2, p.525-554. Fortaleza. Jun. 2011. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4993/4000>. Acesso em: 30 ago. 2022.

TORRES, R. Problemas cruciais para a formação do analista na atualidade: O sujeito suposto saber em questão. **Stylus Revista de Psicanálise**, n.33, p.11-27. Rio de Janeiro. nov. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n33/n33a02.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.